AS FILHAS DE PANDORA: DO MITO À ILUSÃO DO PODER DURADOURO

Conceição Nogueira* & Lurdes Fidalgo**

**Dep. Psicologia-Univ. Minho.; **Fac. Letras- Univ. Porto*

Resumo: Este artigo abordada as questões da família subjacentes à problemática do género. O processo do género influencia as relações das mulheres com os homens no mundo do trabalho e nas suas vidas pessoais, quer directa quer indirectamente. As mulheres estão tão intimamente identificadas com a família no pensamento popular e científico, que reconceptualizar o género, necessita repensar a domesticidade. A hierarquia de género é criada, reproduzida e mantida numa base diária através da interacção entre os membros de um agregado familiar. Debater hoje o lugar da mulher na família é o mesmo que debater o seu lugar na sociedade. Não se pode compreender a subordinação da mulher no mercado de trabalho sem tomar em conta a organização do trabalho doméstico e a responsabilidade que as mulheres têm na manutenção da casa, nem se pode compreender a exclusão das mulheres dos centros do poder político sem referir o seu encapsulamento na família. As autoras recorrem a um mito da Antiguidade Clássica como referência à partilha dos poderes na actualidade e sublinham a importância da família como núcleo onde se espelham as ideologias que continuam a perpetuar o poder masculino. Servindo-se das teorias radicais críticas da sociologia da família as quais acentuam o peso das ideologias no pensamento dos próprios investigadores e condicionam a própria ciência como veículo reforçador da imagem de subordinação da mulher, as autoras concluem da pertinência da discussão desta problemática como uma das vias possíveis para a construção de uma radical mudança social.

Quando qualquer encontro científico se centra no tema "família" será natural que se questione o papel da mulher, e mais especificamente as questões associadas à problemática do género[1]. Como a hierarquia de género é criada, reproduzida e mantida numa base diária através da interacção entre os membros de um agregado familiar parece-nos que debater hoje o lugar da mulher na família é o mesmo que debater o seu lugar na sociedade. Como refere Amâncio (1989) "A realidade actual indica (...) que a mudança estrutural representada pela entrada das mulheres de diferentes classes sociais nos diversos sectores do mundo do trabalho, não é suficiente para alterar a função da mulher na família, nem dá necessariamente origem a uma mudança na sua condição social" (p. 33).

A nossa reflexão começa por retomar alguns tópicos do pensamento clássico no que diz respeito à representação do feminino, e para tal utilizamos o mito de Pandora como a metáfora que melhor parece explicar as representações da mulher ao longo da história. Pandora, a

[1] O género refere-se a todas as características psicológicas, sociais e culturais fortemente associadas às categorias biológicas de homem e mulher (Deaux,1985).

influenciado pelas escolhas individuais, moldado pelas pressões situacionais e em última análise compreendido apenas no contexto da interação social" (p. 115). Os processos interpessoais baseados em concepções fortes assumidas ou inconscientes de características associadas ao género, tais como a superioridade masculina, podem manter as dinâmicas interpessoais que atribuem aos homens posições dominantes que eles mesmos podem nem querer (Gilbert, 1988; 1993). Numa perspectiva de género muitos dos traços e comportamentos tradicionalmente aceites como determinados pelo sexo biológico tornaram-se assim construções da *"realidade social"*.

O processo do género influencia, quer directa quer indirectamente, as relações das mulheres com os homens em todos os contextos e designadamente no mundo do trabalho. Começaremos por referir as relações no que diz respeito ao mundo do trabalho, por ser tão importante a participação da mulher na actividade laboral. Neste contexto será importante sublinhar que a participação das mulheres na actividade económica, constitui um marco importante a ter em conta na análise das profundas transformações verificadas em todos os sectores da vida social.

Apesar de, em termos de discurso institucional, a nossa época poder considerar-se muito positiva relativamente à condição social igualitária das mulheres, verifica-se que os homens têm mais acesso ao poder, aos recursos, e a remunerações superiores. As posições de poder e liderança nas organizações quer da indústria, comércio e serviços, quer nas instituições universitárias, estão predominantemente nas mãos de homens. As mulheres continuam a ser largamente discriminadas com baixos salários, posições de baixo estatuto e reduzidas oportunidades de acesso aos mesmos níveis comparativamente aos homens. Práticas injustas em termos de selecção, promoção ou compensação são também elementos com elevada incidência no mundo do trabalho (Gilbert, Hallett & Eldridge, 1994). Esta discriminação existe tanto no mercado de trabalho como nos contextos escolares. Alguns estudos apontaram que homens e mulheres dedicam o mesmo tempo, energia e dinheiro na sua formação mas, em média, os estudantes masculinos beneficiarão mais do seu investimento na educação do que as mulheres (Gilbert & Evans, 1985).

Como já referimos atrás, o processo do género influencia as relações das mulheres com os homens no mundo do trabalho mas também na vida pessoal, nomeadamente no seio da família. Todo o descontentamente e *stress* que as formas de discriminação atrás enunciadas podem provocar na vida das mulheres afectam a forma coma as mulheres combinam e gerem as suas carreiras e as suas relações como parceiras num casamento.

Na primeira metade do século casar era fundar um lar, lançar as bases de uma realidade social perfeitamente definida e claramente legível na colectividade. As pessoas consorciavam-se para se ajudarem, ter filhos, aumentar o património, legá-lo a eles, ajudá-los a ter êxito e ter êxito conjuntamente. A situação começa a mudar no pós-guerra. As revistas femininas difundem as palavras de médicos e psicólogos que legitimam os sentimentos e difundem os princípios freudianos. A sexualidade pré-conjugal passa a ser mais tolerada pela opinião pública, desde que os noivos se amassem. O casamento deixa de ser uma instituição para ser uma formalidade, passando a ser aceite no plano jurídico as coabitações comprovadas. Celibato e união livre, simultâneos ou alternativos difundem-se sobretudo nas camadas superiores da sociedade. Nos anos 80 em grande parte dos países europeus as famílias monoparentais são cada vez mais frequentes. De facto, a socialização do trabalho e a evolução dos costumes provocaram uma verdadeira mudança. Há meio século a família era mais importante que o indivíduo; agora é este que é mais importante. Hoje em dia, com excepção da maternidade, a família já não é mais que a reunião dos indivíduos que momentaneamente a compõem; cada indivíduo vive a sua vida privada e espera de uma família informal que a favoreça (Duby & Perrot, 1991).

lugar da mulher na
vêem no crescente
factores de alarme,
ulher, figura tutelar,
1987).
ado das mudanças,
s argumentos para
m ela. As mulheres
lar e científico, que
de todas as questões
instituição onde se
eferido, a hierarquia
interacção entre os
nação da mulher no
lho doméstico e a
ode compreender a
sulamento dentro da

ência é de tal forma
ie actuam não só na
numa variedade de
o to, o familiar.
e pode questionar: o
s mulheres? (Glenn,

nília com o marido
As percentagens de
a média as mulheres
m cerca de 40% do
esas exerciam uma
ns anos haverá mais
ecente da Comissão
tuação das Mulheres
evado índice de falta
o Europeia, Portugal
resença é menor nos
lheres sobe em áreas
a algumas profissões
número de juízas da
sendo de 204, o que
.717 ou 39,5%), de
apenas 2 mulheres
le s, apenas 5 são
ais apenas seis são
ılheres nos postos da

em vindo a aumentar,
iens num futuro não
turo próximo haverá

mais mulheres que homens com níveis académicos superiores (Nogueira & Paúl, 1994). No entanto, estes dados não parecem significar uma igual repartição do poder e da liderança em postos chave quer do sector público quer do sector privado. As políticas dos empregadores, assim como as suas práticas demonstram continuadamente a subrepresentação das mulheres num conjunto de áreas profissionais com a consequente desigualdade de salários.

Uma consequência do continuado exercício do poder e autoridade masculinas é a sobrevaliação por parte das mulheres da importância das relações conjugais, para a formação e reforço da sua identidade pessoal (Gilbert, 1993). Desta forma, as relações afectivas são hipervalorizadas, continuando a socialização dos dias de hoje a reforçar nas mulheres a crença de que terem parceiros ou serem casadas é a primeira prioridade na vida de uma mulher; atingir independência financeira e reconhecimento de carreira é secundário para os seus papeis como "caregivers" e parceiras. Que o sentido de vida das mulheres esteja dependente da sua ligação aos homens, e que em recompensa os homens as protejam continua a ser uma poderosa metáfora do universo feminino.

A opção entre a carreira e a família continua a ser um factor de perturbação no percurso de vida feminino, já que as mulheres com receio de perder a relação podem ter que subordinar os seus planos de carreira aos desejos do outro. Muito raramente se ouve um homem estar preocupado com o facto de ser muito competente na sua carreira. O mesmo não se aplica por norma às mulheres já que persiste a crença da incompatibilidade do papel tradicional feminino e o prosseguimento de uma carreira. Ser muito competente para a mulher pode querer dizer que os outros a percepcionam como menos feminina (Amâncio, 1990; Nogueira, 1994). Na realidade a combinação dos diferentes papeis torna-se um problema a ter em conta no dia-a-dia das mulheres. Uma família que não funciona de forma igualitária na partilha das tarefas domésticas representa um factor de *stress* acrescido. Como refere Bordieu (1994) " basta estar atento aos pormenores aparentemente insignificantes dos comportamentos quotidianos para ver que a divisão tradicional das tarefas é constantemente reactivada pois está inscrita nas disposições inconscientes dos homens e também nas das mulheres. Ou reparar nos papeis que lhe são atribuídos na televisão especialmente na publicidade" (p. 12).

Mas se pelo contrário, tanto homens como mulheres forem parceiros iguais do ponto de vista profissional, daí poderá advir uma visão radicalmente diferente da tradicional. Em 1969 um casal de investigadores ingleses (Rapaports) foram os primeiros a usar o termo "famílias de dupla-carreira". Pretendendiam com este termo descrever uma forma revolucionária de família que eles pensavam ser inevitável face às mudanças anunciadas após os anos conturbados do Maio de 68. No entanto, e após mais de 20 anos, o padrão de casal de dupla carreira baseado não só numa relação de papeis igualitária, mas também na compatibilidade dos sistemas familiares e profissionais está ainda emergente na nossa sociedade (Gilbert, Hallett & Eldridge, 1994).

A autora Hare-Mustin (1991) uma perspicaz observadora dos processos associados ao género concluia "as mulheres vivem sob uma espécie de patriarcado que é ou está representado não por uma opressão clara, mas por uma não confessada supremacia aos desejos dos homens e a subordinação à sua vontade" (p. 56).

As denominadas teorias críticas que recentemente têm vindo a anunciar novas perspectivas para as diferentes ciências sociais partindo de influências como o feminismo, neo-marxismo pós-estruturalismo e pós-modernismo parecem-nos pertinentes e mais especialmente quando o tema em discussão é a problemática do género. É no contexto das teorias da sociologia que mais recentemente se tem vindo a anunciar o questionar das preposições fundamentais da tradicional sociologia da família. Basicamente, os teóricos das perspectivas críticas sugerem que a sociologia da família, reflecte o próprio tema, mais do que o explica, e como consequência, constrói uma abordagem sociológica profundamente conservadora que

Deaux, K. (1985). Sex and gender. In L. Porter & M. Rosezweig (Eds.), *Annual Review of Psychology*. Palo Alto: Annual Reviews.
Doise, W. (1994). Prefácio. In L. Amâncio (Ed.) *Masculino e Feminino. A construção social da diferença*. Porto: Edições Afrontamento.
Duby, G. & Perrot, M. (1991). *Histoire des femmes en Occident (le XIX siècle)*.. Paris: Plon.
Gilbert, L. A. (1988). *Sharing it all: The rewards and struggles of two career families*. New York: Plenum.
Gilbert, L. A. (1993). *Two Careers/One Family*. London: Sage.
Gilbert, L. A. & Evans, S. (1985). Dimensions of same gender student-faculty role-model relationships. *Sex Roles, 12,* 111-123.
Gilbert, L. A., Hallett, M. & Eldridge, N. S. (1994). Gender and dual-career families: Implications and applications for the career counseling of women. In W. B. Walsh & S. H. Osipow (Eds.) *Career Counseling for women* London: Lawrence Erlbaum.
Glenn, E. N. (1987). Gender and Family. In B. B. Hess & M. M. Ferree (Eds.), *Analysing gender. A handbook of social science research*. London: Sage.
Hare-Mustin, R. T. (1991). Sex, lies and headaches: The problem is power. *Journal of Feminist Family Therapy, 3,* 39-61.
Hare-Mustin, R. T. & Marecek, J. (1990). *Making a difference: Psychology and the construction of gender*. New Haven: Yale University Press.
Haste, H. (1993). *The sexual metaphor*. London: Harvester, Wheatsheaf.
Llombart, M. P. (1993). Mujer, relaciones de género y discurso. *Revista de Psicologia Social, 8,* 201-215.
Nogueira, C. (1994). Género e liderança. In *III Congresso Luso-Afro Brasileiro de Ciências Sociais*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
Nogueira, C. & Paúl, C. (1994). Demographic panorama of women in Portugal. In *Small meeting on Gender, Management and Science*. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Edicação.
Osmond, M. W. (1987). Radical-Critical theories. In M. B. Sussman & S.K.Steinmetz (Eds.) *Handbook of Marriage and the family*. New York: Plenum Press.
Sardá, A. M. (1991). La realidad imaginaria de las divisiones sociales. In L. Luna (Eds.) *Mujeres y sociedad*. Barcelona: S.S.U.
Scott, J. W. (1988). *Gender and the politics of history*. New York: Columbia University Press.